

HOWARD FAST E O PARTIDO

Por ADONIAS FILHO

Foi traduzido para o português o depoimento de Howard Fast sobre suas relações de escritor com o partido comunista. Em lançamento da editora Saga, «O Deus Nu» («The Naked God»), que Osvaldo Peralva e Aloísio Medeiros traduziram, encontra a mesma receptividade que já o converteu em «best-seller» em inúmeros países situados no mundo livre. O depoimento do autor de «Freedom Road», sempre escrito com sagaz, e embora revele por dentro a estrutura do partido comunista nos Estados Unidos, não é apenas mais um livro na bibliografia erguida por intelectuais que romperam com a União Soviética. É um livro à margem, e precisamente por ser singular, nessa bibliografia. Escrito por um norte-americano, que é um dos ficcionistas mais populares do nosso tempo, e ao contrário de tantos outros depoimentos — como os de André Gide, Silone, Stephan Spender — narra menos uma experiência pública e mais as relações do escritor com o partido comunista. Não será, por isso mesmo, um panfleto. E muito menos um libelo.

«The Naked God», no extremo, é uma confissão. Escrevendo como se estivesse a falar, oferecendo seu testemunho em seu passado comunista, Howard Fast confirma uma realidade que outras palavras não definirão senão as suas próprias palavras: «estamos em face de um terror cego, de uma brutalidade terrível, de uma ignorância aterradora». Lendo, nessas páginas que não serão contestadas e que tantas vezes explicam o crescente conflito entre a inteligência e o partido comunista, lembrei-me de Bertrand Russell ao denunciar o «terror cultural» como uma das mais violentas manifestações do movimento que se estruturava com o objectivo de impor a justiça social. Bertrand Russell, porém, como o próprio Howard Fast, neste outro lado do mundo que o «terror cultural» não atingiu, puderam escrever e falar. O simples facto de não poder fazê-lo os que estão do outro lado já prova a validade de «O Deus Nu».

No levantamento histórico que faz do

partido comunista em nossos dias — seu livro constituindo uma peça indispensável no processo de acusação — caracterizando-o através do relatório apresentado no Vigésimo Congresso do Partido Soviético, o escritor não hesita no rigor dos termos: «bestialidade, assassinio e desumanidade do homem contra o homem».

A ACÇÃO DOS VÂNDALOS EM TOMAR

MERECU-NOS todo o interesse e o devido aplauso o movimento que, em Tomar, reuniu, numa representação, 600 tomarenses qualificados, desenhadores da permanência, na Praça da República, da estátua de Gualdim Pais, que ameaçavam substituir, por um incharacterístico pelourinho, destituído de valor histórico ou artístico.

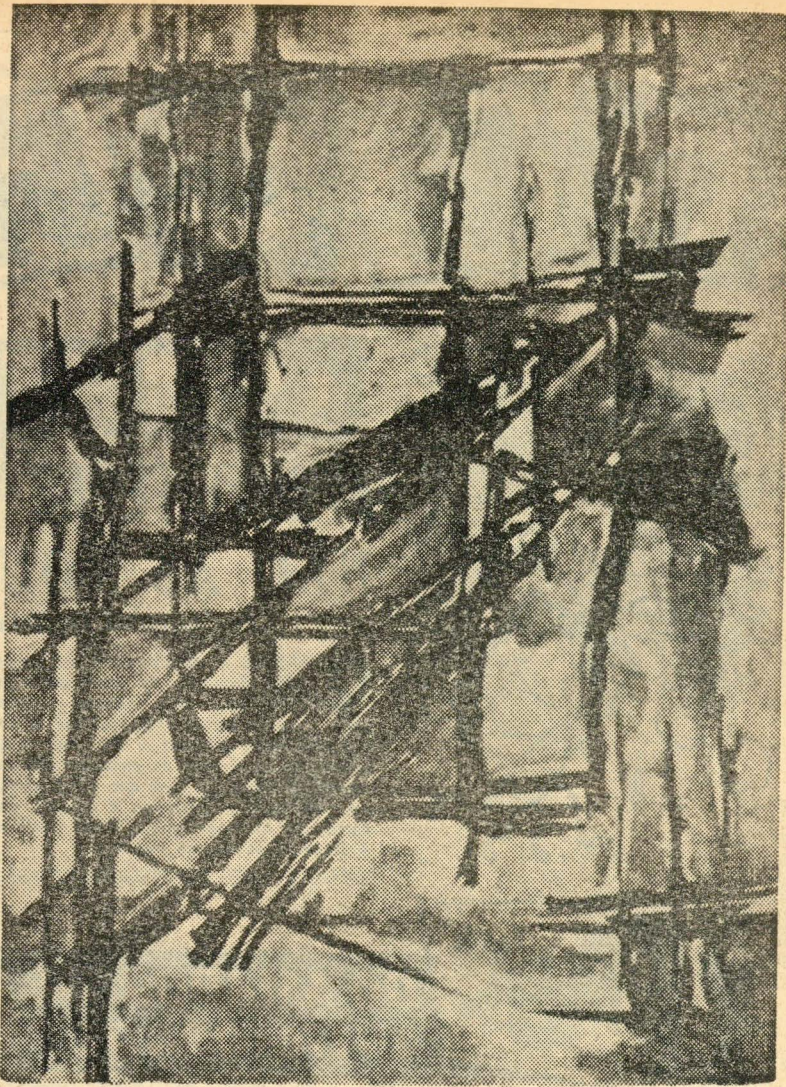
Há dias, porém, um dos nossos redactores, após uma ausência de anos, visitou a linda cidade do Nabão e quase lhe custou reconhecê-la: é que os vândalos já ali iniciaram a sua obra de destruição, desfigurando, à força de cimento armado, as encantadoras características tradicionais da urbe. Acreditamos que os edifícios mais antigos e mais valiosos tenham sido poupados. Mas a verdade é que o conjunto sofre com essas interpolações arquitectónicas pseudo-modernas, acabando por perder o encanto próprio.

É evidente que as crescentes exigências urbanísticas determinam a construção de novos e mais apropriados edifícios residenciais e públicos. Nada impõe, todavia — e, principalmente, numa cidade pequena — que sejam eles encravados no conjunto, a ponto de o tornarem irreconhecível, híbrido, inestético.

Surpreende-nos que não tenha havido, para este vandalismo muito mais grave, que afecta a feição global da cidade, uma palavra de advertência das 600 personalidades que, aliás com fundamento, discutiram a localização de uma simples estátua e de um simples pelourinho.

A verdade que está no conteúdo do relatório, e talvez mais que a própria confissão de Howard Fast, revela por que o partido comunista se esvaziou de escritores em seus quadros humanos. E informa sobretudo porque, como diz Fast, o «partido comunista da União Soviética destruiu a literatura russa». As regras do partido, se foram por um lado a deserção da inteligência, eliminam pelo outro a possibilidade criadora em um sentido de autenticidade artística. A coacção sobre a inteligência criadora, aliás, é o que explica a deserção na base das relações que Howard Fast conformou como sendo a da submissão irremovível do escritor ao «comissário» que é o sacerdote.

Esse critério comunista, que em seu parecer pode levar o escritor ao suicídio ou ao assassinio, e que Fast configura psicologicamente como «uma combinação de estupidez, desprezo e arrogância», é que tange a inteligência como se os escritores — sempre marginais em sua solidão — não dependessem de sua personalidade e não escapassem ao rebanho. «The Naked» (Continua na 7.ª pág.)



Vieira da Silva — Poliçada (Museu do Caramulo)

OS DE TRINTA ANOS

SOU PARTIDÁRIO DO ESTILO RIGOROSO E DO DICIONÁRIO DAS CEM PALAVRAS —DIZ-NOS JOSÉ CARDOSO PIRES

JOSÉ CARDOSO PIRES trabalha em casa («Nunca consegui escrever no café ou na presença de alguém»). Passa semanas e semanas sem redigir uma linha, «o que — comenta — é terrivelmente prejudicial. Mas — acrescenta — sempre que me entrego a um trabalho de criação faço-o por longos períodos ininterruptos, dez, quinze dias, e mais. Nessa altura posso manter-me à secretária durante dez horas sem qualquer cansaço.

Escreve à mão, em papel sem linhas, com caneta de tinta permanente.

Como fuma excessivamente, tem natural necessidade de beber: leite e chá. Não gosta de café e embora seja apreciador de álcool jamais o toma enquanto trabalha.

Esboça um plano pormenorizado de trabalho. «Mas o plano — confessa — é a todo o momento alterado e reactualizado por imperativos que naturalmente vão sendo postos no curso do convívio com a verdade dos personagens. O

Anjo Acorado, por exemplo, foi totalmente reescrito e planificado de novo, depois de uma primeira versão que orçava pelo dobro daquela que foi publicada».

Lê diariamente, tomando notas de trabalho — razão porque nunca lê senão em casa. «Em média, gasto nisso — explica — digamos uma hora, hora e meia, sem

única virtude que posso descobrir em mim como escritor é não ter pressa».

O autor de «O Anjo Acorado» não frequenta cafés. Raramente vai a museus. A conferências — acrescenta — ainda menos: «Só às dos amigos, que já sei o que vão dizer».

Viaja: «Mas não só no estrangeiro. Ainda me falta conhecer a aldeia onde nasci».

Sente-se integrado numa geração?

— Como todo o ser humano deitado a este mundo tive uma experiência comum aos indivíduos da minha idade. Mas, como todo o ser humano que se preza, tive também,

★ **ESCREVO COM SUCESSIVAS CORRECÇÕES E JAMAIS DE JACTO**
★ **TUDO MENOS PRONTUÁRIOS**
★ **A ÚNICA VIRTUDE QUE POSSO DESCOBRIR EM MIM COMO ESCRITOR É NÃO TER PRESSA**

contar com os inevitáveis minutos do «antes de adormecer». Não tem livros de cabeceira.

«A melhor definição que conheço do exercício de escrever — diz, depois — é de um poeta e português: Alexandre O'Neill. E é esta: «abandonado vigiado». E porque a aceito tão incondicionalmente e a sentia antes de ele a ter dito é que escrevo com tão sucessivas correcções e jamais de jacto. Faço uma primeira versão à mão, que depois passo à máquina, introduzindo-lhe nesse momento as alterações que me ocorrem. Sobre o trabalho apurado, nova revisão à mão e, na melhor das hipóteses, é então que mando passar o texto em definitivo. Nunca publiquei nada que não fosse revisado três e quatro vezes».

Serve-se de dicionários, gramáticas, omanques, enciclopédias, jornais, fotografias... «Tudo — esclarece — menos prontuários».

Concluído o trabalho, lê-o José Cardoso Pires a alguém, antes de o publicar?

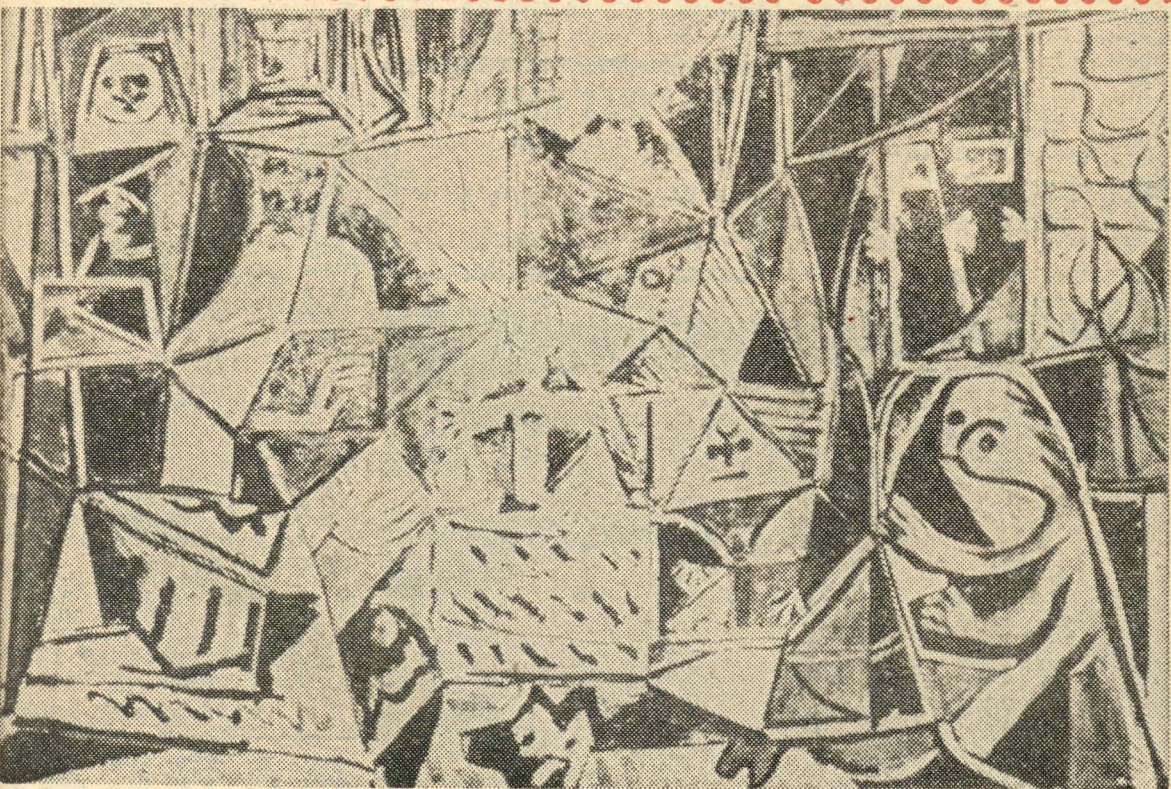
«Ler, eu? — exclama. — Nunca. Leio péssimamente. E raríssimas vezes entreguei os manuscritos para que os lessem. Uso o sistema de deixar as coisas na gaveta «aboborar». Distanciado deles pelo tempo, posso criticá-los com segurança passados meses e até anos. A



«Uso o sistema de deixar as coisas na gaveta «aboborar»

e felizmente continuo a ter, a minha experiência pessoal, privada, do mesmo modo que os meus irmãos em tempo e lugar histórico tiveram a sua, deles, experiência pessoal e privada. Ora, isto refuta a douda opinião do Moraes (vê como consulto dicionários?) que diz que geração «é o conjunto de indivíduos que viveram na mesma época». Não faltava mais nada! Na mesma época viveram Caim e Abel e não se davam como Deus com os anjos... Não. Na minha época há sempre dois sujeitos da mesma idade, mes-

(Continua nas págs. centrais)



Versão de «As meninas» de Velazquez, executada por Pablo Picasso

LETRAS

JOSÉ CARDOSO PIRES:

«TODAS AS SEGUNDAS PROFISSÕES SÃO VINGANÇAS OU PREPOTÊNCIAS»

(Continuação da 1.ª pág.)

mo meridiano e mesma latitude que divergem. Se a divergência é polarmente oposta, mal vai a coisa e a história há-de ter casos de capitães de guerra civil saídos à mesma hora da mesma maternidade... Se a divergência se situa dentro de um mesmo quadrante de valores básicos, óptimo. Temos uma pluralidade de experiências privadas que só en-

riquece a experiência comum. E isso que podemos verificar se olharmos alguns dos (escritores) «de trinta anos» — como lhes chama — de maior importância: Alexandre O'Neill, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, David Mourão Ferreira... Vozes diferentes, como vê. Mas o facto de haver nelas o tom dominante de um tempo histórico não chega para os reunir sob o rótulo de *geração*, no que isso envolve de compromisso de grupo ou de movimento.

— Para quem escreve? Para si, para os outros escritores, para o leitor comum?

— Ninguém escreve para si, a não ser as meninas-rebuçado na fase da primeira rasteira. Nenhum escritor escreve para os outros escritores. Gertrude Stein? Ora, ora... James Joyce? Viu-se que não. Irene Lisboa? Havemos de ver. Mas há escritores que escrevem contra eles mesmos. Camilo, por exemplo. E quanto ao leitor comum... Que é o leitor comum?

— Crê desejável a profissionalização do escritor?
— Nem se pergunta.

— Considera a *segunda profissão* um mal inevitável? Que lhe parece preferível: uma *segunda profissão* totalmente alheia ao ofício das letras ou o recurso às actividades menores da vida intelectual (traduções, colaboração em jornais e revistas, na Rádio e na TV)?

— Uma *segunda profissão* só por vingança. Ou por desporto, ou por reeducação. Por exemplo: convenção-

Nota biobibliográfica

José Cardoso Pires nasceu em Peso, aldeia do distrito de Castelo Branco, em 2 de Outubro de 1925, mas tem vivido quase exclusivamente em Lisboa. Abandonou a Faculdade de Ciências no início do curso. Foi depois angariador de publicidade, agente de vendas, apontador de cais. Nos últimos anos da guerra entrou na Marinha Mercante como praticante de piloto sem curso. Regressou em 1945 e foi sucessivamente funcionário da Intendência Geral dos Abastecimentos, empregado de escritório de uma empresa comercial, intérprete, e funcionário duma companhia de aviação. Seguidamente trabalhou numa casa editora e depois na redacção duma revista. Entretanto escrevia artigos e contos para várias publicações e fazia traduções do inglês.

Publicou: «Os Caminheiros», «Histórias de Amor» e «O Anjo Ancorado». Dará este ano a público um ensaio («Cartilha do Marialva») e um romance («O Hóspede de Job»).

-me de que uns dias por mês como escrivão não seria mau de todo. Aprender-se-ia o rigor da minúcia, a ordem exacta do descritivo, o uso das palavras pobres e a simpatia pelo obsoleto. Sou partidário do estilo rigoroso e do dicionário das cem palavras. Razão porque tenho algum desgosto de não ter concluído o curso de matemáticas. Fora disso, acho que todas as segundas profissões são vinganças ou prepotências. Tive muitos empregos. Sei o que isso é... Ah, espere: tenho ainda uma excepção. «Barman»! Um «barman» é um sacerdote de virtudes e de tentações controladas. Mas, embora isso seja em mim uma sedução antiga, retiro o que disse. O escritor que se faz voluntariamente «barman» exerce ainda uma profissão literária...
